

**KARIBU MWALIMU RODNEY : UMA INTRODUÇÃO À VIDA E OBRA DE
WALTER RODNEY, HISTORIADOR E MILITANTE PAN-AFRICANISTA
(VERSÃO REVISADA E AMPLIADA)**

ISSN 23099771

Kwesi Ta Fari ¹

Resumo

Walter Rodney foi um dos mais importantes historiadores do século XX, com um legado de inquestionável pertinência para o mundo africano. Entre as décadas de 1960 e 1970, as intervenções de Walter Rodney foram conhecidas nas Américas, África, Ásia e Europa, abrangendo uma audiência de investigadores, artistas, professores e temas envolvendo historiografia, política, história, cultura, economia e movimentos sociais. Por razões políticas, o historiador foi assassinado no ano de 1980, em sua terra natal, a República Cooperativa da Guiana (ex-Guiana Inglesa). Neste artigo, apresentamos um panorama geral da trajetória de Walter Rodney, comentamos aspectos do seu livro *Como a Europa Subdesenvolveu a África* e destacamos exemplos de menções feitas a Walter Rodney em artigos e livros publicados no Brasil.

Palavras-chave: História; Pan-africanismo; África; educação; movimentos sociais

Preâmbulo

O presente artigo foi escrito no primeiro semestre de 2013 para ser debatido com movimentos sociais e apresentado em um congresso de História² com o título original de “Karibu: Mwalimu Rodney. Uma introdução à vida e obra de Walter Rodney”³. Passados quatro anos até esta presente

¹ Kwesi Ta Fari (F. Gomes) é estudioso da história africana e de movimentos sociais, militante pan-africanista e idealizador do projeto AKSUM-LIVROS

² VI Congresso Internacional de História – Universidade Estadual de Maringá (Brasil).

³ *Karibu* e *Mwalimu* são palavras do idioma africano Swahili\Kiswahili, que significam, respectivamente, “bem-vindo” e “professor”. O Swahili\kiswahili é o idioma oficial da Tanzânia,

revisão, o autor levou o estudo sobre Walter Rodney a debates públicos e acadêmicos, sendo esta a primeira oportunidade de publicar uma versão revisada do artigo, em ocasião do 1º Congresso de História da África, Africanidade e Ancestralidade, promovido pela Universidade de Santiago⁴ (U.S) no ano de 2015.

Deixo notório o reconhecimento aos Doutores Nardi Souza (U.S.) pelo interesse sobre o tema e, principalmente a Henrique Cunha Jr. (Universidade Federal do Ceará – UFC) pelo incentivo e orientação qualificada para uma futura ampliação deste trabalho sobre Walter Rodney.



Figura 1 – Walter Rodney, historiador e militante pan-africanista.
Fonte: walterrodneyfoundation.com⁵

Walter Rodney foi um militante político pan-africanista mundialmente reconhecido como um dos maiores historiadores da África em atividade no século XX, mas a sua obra ainda é pouco divulgada, estudada e referenciada no Brasil. O objetivo central deste artigo é apresentar em língua portuguesa

país da África oriental formado em 1964 a partir de uma bem-sucedida união geopolítica entre Tanganica e Zanzibar.

⁴ Ilha de Santiago, Assomada, Cabo Verde, na Costa Oeste Africana.

⁵ Imagem disponível no seguinte link: <<http://www.walterrodneyfoundation.org/wp-content/uploads/2013/08/WARWalking.jpg>>. Acesso em 13 de ago. de 2013.

uma introdução-síntese sobre a vida e a obra do historiador. O presente documento está dividido em três momentos: o primeiro é uma reflexão geral sobre o contexto histórico da resistência pan-africanista contra o colonialismo/neocolonialismo Europeu ; no segundo momento, apresentamos uma síntese biográfica de Walter Rodney; e no terceiro momento, identificamos exemplos de artigos e livros publicados no Brasil que fazem menção a Walter Rodney.

Primeira Parte : reflexão histórica

No ano de 2003, a Lei Federal 10.639/03 tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar nacional. Essa lei integra um extenso processo desencadeado por entidades do Movimento Negro⁶ em busca da inserção de temáticas africanas e africano-diaspóricas nos currículos escolares do país. Salientamos que pesquisadores, estudantes, professores e membros de movimentos sociais devem estar atentos ao cumprimento da Lei 10.639/03, mas devem, principalmente, não depender dela para romper com o apagamento, a redução e a subalternização dos povos africanos⁷ na história mundial (GOMES, 2016).

Em uma sociedade estruturalmente racista como a brasileira, a Lei Federal 10.639/03 não possui condições de garantir a qualidade do conhecimento histórico oferecido pelas instituições públicas de ensino. Passados quinze anos da implementação da lei, a história da África - e de seus povos - permanece presa a epistemes eurocêntricas e à função de objeto de estudo para as elites brancas privilegiadas do país. Seria importante que as entidades do Movimento Negro no Brasil dedicassem um lugar especial à história africana dentro das suas agendas, caso seja a intenção delas construir um projeto político pan-africanista no país.

⁶ Forma genérica para denominar entidades culturais, de estudos e de pesquisas organizadas pela população Negra no Brasil .

⁷ Neste artigo utilizamos a expressão africano(s) como referência aos povos Negros no mundo e não somente aos nascidos no continente africano.

O Brasil está comprometido com sérias clivagens raciais e, por isso, acreditamos ser necessário que a população original (indígena/nativa) e a população Negra (africana) busquem com mais afinco parcerias entre si, objetivando preservar os seus patrimônios culturais, materiais e imateriais. Pensamos assim porque as elites brancas que governam o país estão unidas na manipulação dos patrimônios vitais de povos nativos e dos povos Negros, tais como o território, a memória e a cultura. Essas parcerias também seriam importantes para combater o genocídio, a desumanização e a miséria material, problemas diretamente ligados à manipulação de patrimônios fundamentais dos dois povos em questão.

É nesse mesmo sentido que pesquisadores Negros no Brasil não podem aguardar que as universidades do país, tradicionalmente racistas e eurocêntricas, redefinam de forma positiva a história africana em seus currículos e programas, ou mesmo que traduzam clássicos da historiografia africana, tais como dos cientistas Yosef Alfredo Antônio Bem-Jochonnan (Etiópia), John G. Jackson (Estados Unidos), John Henrik Clarke (Estados Unidos), Chancellor Williams (EUA), Cheikh Anta Diop (Senegal), Ivan Van Sertima (Guiana Inglesa⁸), Joseph Ki-Zerbo (Burkina Faso) e Walter Rodney (República Cooperativa da Guiana). No caso dos clássicos da historiografia, alguns pesquisadores já iniciaram projetos bem-sucedidos para a tradução de documentos da língua inglesa para a língua portuguesa. Mesmo que as traduções sejam de suma importância, somente elas não bastam.

Caberá, então, às entidades do Movimento Negro a oferta de parcerias com pesquisadores Negros para produção, tradução e publicação de documentos, assim como para a criação de programas educacionais autônomos e alternativos, que possibilitem a qualidade e a geração de uma unidade econômica editorial. O conhecimento histórico e a produção historiográfica não estão isentos de reações políticas violentas, pois ambos estão sensivelmente conectados ao poder, à economia e à cultura, uma lição que Walter Rodney pagaria com a sua própria vida.

⁸ Guiana Inglesa corresponde à atual República Cooperativa da Guiana. A partir deste trecho utilizaremos somente Guiana em menção a esse país.

Colonialismo , Pan-africanismo e Neocolonialismo

A instalação europeia de pontos de comunicação telegráfica, igrejas, pequenas bases militares e atividades empresariais em África, ao longo da segunda metade do século XIX, possibilitou o avanço geopolítico do sistema colonial no continente africano, estabelecido oficialmente através de Estados dentro de fronteiras artificiais, acertadas entre líderes europeus na Conferência de Berlim (1884-1885). Esse sistema colonial foi, entretanto, obrigado a enfrentar forças de resistência surgidas da solidariedade, da identidade nacional, da consciência histórica e de movimentos anticoloniais forjados entre africanos nascidos em África e na diáspora.

No final do século XIX, o conjunto dessas forças de resistência africana passou a ser denominado de pan-africanismo, em ocasião da criação da Associação Pan-Africana⁹ (1898) e da realização da primeira Conferência Pan-Africana, em Londres, no ano de 1900, na qual participaram Negros de diversas partes do mundo africano¹⁰. Através de jornais, entidades culturais, sindicatos, eventos, partidos políticos e guerrilhas, o pan-africanismo consolidou-se na primeira metade do século XX como um movimento social e, posteriormente, a partir da década de 1950, como projeto político para a unidade federal do continente africano¹¹.

Considerando as manifestações anticoloniais em África e as manifestações abolicionistas nas Américas, identificamos o período entre as décadas de 1880 e 1940 como central na estruturação das principais ideias do movimento pan-africanista, tais como o combate ao racismo, o retorno de

⁹ Primeiramente denominada Associação Africana.

¹⁰ Participaram da conferência delegados dos Estados Unidos da América, Haiti, Libéria, África do Sul, Serra Leoa, Rodésia (atual Zimbábue), Lagos (Nigéria), Costa do Ouro (atual Gana), Jamaica, Trinidad e Tobago e Canadá. A historiografia pan-africanista costuma apresentar a concepção formal como resultado de uma articulação entre povos Negros do continente ou da diáspora, enquanto as correntes teóricas acadêmica-africanistas costumam definir o movimento pan-africanista como um movimento centrado na diáspora africana e, de certa maneira, desconectado das mentalidades e dos Negros nascidos no continente africano.

¹¹ Nas primeiras décadas do século XX, entidades e militantes políticos destacados, como Marcus Garvey (Jamaica), começaram a elaborar teorias objetivas sobre a necessidade de integração do continente africano em um Estado multinacional e federal. A partir da década de 1950, a independência de Gana, as lutas por independência, as unidades regionais, os movimentos sociais e os escritores sedimentaram a unidade federal como parte decisiva de um projeto político pan-africanista. Todavia, a ideia e as teorias em torno de uma unidade africana são reflexos de uma tendência contínua e endógena pela integração de grandes regiões do continente.

Negros na diáspora para África e a libertação africana do sistema colonial europeu. Sob a lógica do Tempo Africano¹², mesmo que o surgimento conceitual do pan-africanismo nos remeta ao final do século XIX, os pilares do movimento, como a identidade, a memória coletiva, a economia solidária, o matriarcado, a integração de amplas regiões territoriais e o nacionalismo são milenares na cultura e experiência histórica dos povos africanos.

A partir das décadas de 1940 e 1950, as ideias defendidas pelo pensamento pan-africanista passaram a instrumentalizar movimentos anticoloniais com uma perspectiva nacionalista continental e a favor da destruição do sistema colonial. A década de 1960 africana foi animada pela profusão de jornais nacionalistas, pela primeira série de Estados independentes e pela consolidação de partidos políticos e de movimentos armados anti-coloniais, como estava ocorrendo em Guiné, Angola e Quênia. Amílcar Cabral, fundador em 1956¹³, do Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), e Kwame N'Krumah, presidente do Gana - primeira nação africana independente, em 1957 -, consideraram que a década de 1960 foi um período de transição interna do sistema colonialista para um sistema neocolonialista.

¹² Tempo Africano é uma expressão da historiografia pan-africanista, que corrobora a ideia de que as experiências históricas africanas possuem uma temporalidade própria, a qual existe, em primeiro lugar, por causa da sua antiguidade na origem da humanidade e das civilizações; em segundo lugar, pela origem dos sistemas, instrumentos e instituições dedicadas ao registro e à análise do tempo e, em terceiro lugar, pelos movimentos milenares de dispersão voluntária e o mais recente movimento involuntário de dispersão, causado pelo tráfico de seres humanos entre os séculos XV e XIX, o maior crime contra a humanidade, que deslocou centenas de milhares de africanos para as Américas. O Tempo Africano se refere, portanto, ao caráter global das experiências históricas dos povos africanos. O Tempo Africano é cíclico (OBENGA, 2013) e possui uma lógica de movimento espacial ininterrupto: a continuidade histórica. A partir desta lógica de continuidade, podemos afirmar que o conjunto geográfico que envolve o continente africano, a sua diáspora e os povos Negros no mundo estão inseridos em uma mesma unidade de tempo, ou unidade do tempo histórico africano. Esta unidade exige uma periodização ampliada e uma geopolítica integral do mundo africano, que também deve ser aplicada a conceitos e metodologias inovadores. Estas ideias sobre Tempo Africano têm sido desenvolvidas desde o final da década de 1940, inicialmente pelo historiador Cheikh Anta Diop e, posteriormente, por nomes como Joseph Ki-Zerbo, Yosef Alfredo Antônio Bem-Jochonnan e Théophile Obenga. Walter Rodney (1975), em seu livro *Como a Europa subdesenvolveu a África*, alertou sobre a necessidade de uma periodização mais ampliada para uma abordagem histórica integral da experiência dos povos africanos. Atualmente, a ideia de um Tempo Africano está sendo aperfeiçoada pelo grupo da University of Kmt Press.

¹³ O historiador Julião Varela, de Guiné-Bissau, é autor de *Amílcar Cabral (1924-1973) - Vida e Morte de um Revolucionário Africano* (2011), referência biográfica importante sobre Amílcar Cabral e que questiona o ano de 1956 como data verdadeira de fundação do PAIGC. Todavia, preferimos seguir a historiografia oficial do PAIGC e manter em nosso artigo 1956 como data de fundação do Partido.

O neocolonialismo difere do colonialismo por quatro questões principais: o discurso de fim das relações coloniais e a continuidade das práticas coloniais; a criação de elites africanas para representar os interesses dos “ex-colonizadores”; o uso oficial das línguas coloniais em detrimento das línguas originais; a existência de Estados independentes, mas desprovidos de soberania. As elites africanas marionetes do neocolonialismo e os programas internacionais de espionagem fizeram das independências nacionais em África uma fase de reajustamento do sistema colonial e não de ruptura revolucionária.

O neocolonialismo afirmou-se como um colonialismo doméstico (RODNEY, 1975) e ascendeu frustrando o processo de descolonização e bloqueando a possibilidade de uma grande revolução cultural africana. Seguindo essa linha de raciocínio, países neocolonialistas como Inglaterra, França e Bélgica mantiveram ações racistas de exploração econômica sobre as “suas ex-colônias” em África, ao mesmo tempo que desqualificaram línguas tradicionais maternas, com o estabelecimento de duvidosos planos de cooperação internacional e ataques sistemáticos tanto aos movimentos pan-africanistas quanto aos governos não alinhados com as intenções neocolônias (CABRAL, 1978; N’KRUMAH, 1970; MOORE, 2008).

Amílcar Cabral (Cabo Verde/Guiné-Bissau), Kwame N’Krumah (Gana), Jomo Keniatta (Quênia), Sekou Turé (Guiné Conacri) e Haile Selassie I (Etiópia) foram vozes pan-africanistas defensoras de uma independência total das regiões africanas colonizadas como parte de um projeto político voltado à unidade federal do continente africano. O fator de divergência entre chefes de Estados africanos independentes foi o modelo de projeto político para uma unidade Federal, que tinha como principais objetivos o desenvolvimento e o aproveitamento endógeno da abundância de recursos humanos e naturais em África e a construção de uma soberania africana continental. Os estadistas africanos dividiram-se em dois grupos divergentes, um formado pelos defensores da unidade africana (Grupo Monróvia)¹⁴, e o outro pelos que receavam a perda de benefícios individuais

¹⁴ O grupo Casa Blanca recebeu essa denominação por realizar suas primeiras reuniões em Casa Blanca, capital do Marrocos. Faziam parte central do grupo: Egito, Marrocos, Tunísia, Etiópia, Líbia, Sudão, Gana, Guiné Conacry, Mali e Argélia. Kwame N’Krumah foi um dos articuladores centrais do Casa Blanca.

ocasionada pela ruptura africana com as relações (neo)coloniais (Grupo Casa Blanca).¹⁵

Com um grande esforço diplomático coordenado por Haile Selassie I, os dois grupos se reuniram em um congresso no ano de 1963 para criação da Organização da Unidade Africana (OUA), uma entidade continental responsável por projetar uma federação de Estados Africanos. Contudo, mesmo com essa iniciativa histórica pela unidade africana, o projeto não avançou por uma série de motivos, dentre eles: a persistência das relações neocoloniais entre países africanos e países europeus; o fortalecimento de elites marionetes em África; a desconexão da OUA com as populações e, em especial, com a juventude do continente africano; a falta de integração pan-africanista entre africanos no continente e na diáspora; e, por fim, inequivocamente, o terrorismo de milícias, as sabotagens industriais e os golpes de Estado articulados por países europeus em suas ex-colônias africanas.

Sob o contexto mais amplo do mundo africano, o neocolonialismo implementou ações repressivas contra movimentos sociais, partidos políticos e lideranças espirituais e religiosas direta ou indiretamente assumidos como pan-africanistas. Atualmente, sabemos mais sobre a responsabilidade criminal de instituições e departamentos dos Estados Unidos da América, como o Programa de Contra-Inteligência (COINTELPRO), a Polícia Federal Americana (FBI) e a Agência Central de Inteligência (CIA), assim como dos setores de países europeus, a exemplo da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) de Portugal, do Comitê de Segurança do Estado da Rússia (KGB), do Serviço de Inteligência Francês (SDECE) e do Serviço Secreto da Grã-Bretanha (M5). Esses centros internacionais de vigilância policial terrorista estiveram envolvidos em dezenas de golpes de Estado e assassinatos, entre os quais o do historiador e militante político Walter Rodney, no ano de 1980 (MOORE, 2008; KAWAYANA, 2001).

¹⁵ O Grupo Monróvia ficou assim conhecido por reunir seus quadros em Monróvia, capital da Libéria. Os principais países que aderiram ao grupo foram Nigéria, Libéria, Serra Leoa, Costa do Marfim e Senegal. Félix Houphouët Boigny (Costa do Marfim) foi um dos principais articuladores do Grupo Monróvia.

Segunda Parte : Mwalimu Rodney – vida e obra



Figura 2 – Walter Rodney (de costas) no terreno com trabalhadores
Fonte:walterrodneymuseum.com¹⁶

Walter Rodney nasceu em 1942 na Guiana¹⁷ e o seu primeiro ambiente de cultura política foi sua própria casa. A família Rodney esteve envolvida com movimentos anti-imperialistas no país entre as décadas de 1930 e 1950, pois os pais de Walter Rodney exerceram dedicada militância no *People's Progressive Party* (P.P.P.), partido socialista-marxista de oposição ao governo neocolonial do país. O jovem Walter Rodney graduou-se em História pela Universidade das Índias Ocidentais, na Jamaica, e fez doutorado na mesma área no ano de 1966, pela Escola de Estudos Africanos e Orientais, na Inglaterra. No decorrer da formação, o Movimento da Negritude e o pensamento marxista foram referências para Walter Rodney, que se transformou em um discípulo do historiador haitiano C.R.L. James.

Durante toda a sua trajetória estudantil e acadêmica, Walter Rodney não se destacou apenas pelas elevadas notas, pelo número de publicações

¹⁶ Imagem disponível no seguinte link: <<http://www.walterrodneymuseum.org/wp-content/uploads/2013/08/WARWalking.jpg>>. Acesso em 13 de ago. de 2013.

¹⁷ Originalmente habitada pela nação Aruaque, a República Cooperativa da Guiana está localizada na América do Sul e faz fronteira com Suriname, Venezuela e Brasil. Entre os séculos XV e XIX, a Guiana foi posse do Reino Espanhol em função do Tratado de Tordesilhas e passou por uma invasão holandesa até ser colonizada pela Inglaterra. Atualmente, a população da Guiana está estipulada em 953.505 habitantes. Ver mais em: <http://www.portalbrasil.net/americas_guiana.htm>. Acesso em 25 de out. de 2014.

e pela eloquência nos debates em que participou, mas sobretudo pela sua militância política, que foi capaz de mobilizar os povos Negros no Caribe dentro de um mesmo gradiente de luta e identidade africana. O ambiente social da Guiana naquele período era de discriminação racial institucionalizada, uma vez que o governo exercia controle repressivo contra Negros e indianos por meio de medidas como a Lei de Imigração (1962) que, fundamentada na discriminação racial, infligia a essas populações tributação diferenciada, limitações de circulação dentro do país e no acesso ao mercado de trabalho (SHERWOOD, 2003).

O recém formado historiador iniciou a vida profissional de forma qualificada, participando na organização de sindicatos de trabalhadores e em movimentos como o da Consciência Negra¹⁸, o Black Power¹⁹ e o Rastafari²⁰. A convivência de Walter Rodney com comunidades do movimento Rastafari, na Jamaica, por exemplo, proporcionou-lhe uma percepção realista de que a dialética e o materialismo histórico marxistas mostravam-se contraditórios e limitados diante das demandas sócio-culturais, políticas e econômicas dos povos Negros (RODNEY, 1990).

No ano de 1966, Walter Rodney aceitou uma proposta para lecionar história na Tanzânia, país da África oriental, independente em 1964 e governado pelo presidente Julius Nyerere. A partir de então, o historiador passou a integrar o quadro de professores da Universidade de Dar-es-Salaam. Residente na Tanzânia, Walter Rodney se dedicou a atividades políticas e educacionais dentro e fora do espaço acadêmico, mesclando estudantes e trabalhadores das mais diversas áreas em diálogos críticos

¹⁸ O movimento da Consciência Negra foi desencadeado, na África do Sul, pelo escritor e militante político, Steve Biko, entre as décadas de 1960 e 1970, como resistência ao sistema de apartheid, que era um conjunto de leis racistas estabelecidas por invasores europeus que consistia na exploração da força de trabalho, na violência policial, na censura cultural e na apropriação de patrimônios da população africana originária da África do Sul.

¹⁹ No período das décadas de 1960 e 1970, o movimento de protesto e afirmação chamado Black Power teve como base inicial os escritos políticos de Kwame Ture (Stokely Carmichael), militante dos direitos humanos e civis dos povos Negros, nascido em Trinidad e Tobago e radicado nos Estados Unidos da América.

²⁰ O Movimento Rastafari surgiu na Jamaica entre as décadas de 1920 e 1930. Um dos principais fundadores do movimento na década de 1930 foi Leonard P. Howell, que produziu uma doutrina para consagração do imperador etíope Haile Selassie como força divina e guia espiritual dos adeptos do movimento Rastafari. A doutrina foi registrada em um livro escrito pelo próprio Leonard P. Howell, cujo título é *A Chave Prometida (The Promised Key)*. Leonard P. Howell também iniciou a primeira comunidade Rastafari na Jamaica, denominada Pinnacle.

sobre o colonialismo e o neocolonialismo em África. Segundo Molefi Kete Asante (1992), a experiência em Dar-es-Salaam contribuiu para a “desmarxização”²¹ de Walter Rodney.

No ano de 1967, apoiado pela Associação de Historiadores da Tanzânia e nos auspícios da *East African Publishing House*, Walter Rodney publicou a monografia *West Africa and Atlantic Slave Trade*. Nesta obra, o historiador analisou o papel estratégico de Portugal na abertura da Costa Oeste Africana em nome dos interesses de Estados imperialistas europeus e criticou os historiadores que criaram teorias que culpabilizavam os próprios africanos pelo sistema escravista e suas consequências, com o propósito de eximir os europeus da responsabilidade pelo subdesenvolvimento africano (RODNEY, 1967).

A pedagogia de Walter Rodney

No campo educacional, a pedagogia de Walter Rodney se resumia em utilizar a história africana como ferramenta social de organização e conscientização política e econômica dos povos Negros. O historiador ultrapassou os obstáculos acadêmicos elitistas para penetrar, utilizando a história como ferramenta, no centro de sindicatos de trabalhadores urbanos e de comunidades rurais. A dedicação de Walter Rodney à elucidação de questões econômicas e jurídicas aos trabalhadores da bauxita e do açúcar²² na Guiana foi fundamental para os sindicatos dessas classes buscarem, organizadamente, melhores condições de trabalho e de salário.

Nas salas de aula, segundo Eusi Kawayana (2001), Walter Rodney não estava preocupado em fazer seus alunos e alunas assumirem uma ou outra ideologia revolucionária, muito menos que se tornassem repetidores

²¹ Expressão que utilizamos em contraposição à tendência eurocêntrica de tornar posse do marxismo todos os militantes políticos Negros que obtiveram destaque e que, no percurso de suas vidas, dialogaram com elementos pertinentes do pensamento marxista, inclusive utilizando alguns dos seus conceitos.

²² A bauxita e o açúcar foram dois dos itens centrais na extração mineral e na produção agrícola semi-industrial da economia de exportação da Guiana.

de frases de efeito, aquelas que impressionam. E. Kawayana (2001, p. 2) comenta que os alunos de Walter Rodney:

(...) não deixaram seus cursos com *slogans* e citações dos grandes mestres, mas com alguma competência na arte de examinar as relações sociais e tentar descobrir o movimento social, ou pelo menos com a necessidade de fazer isso como uma tarefa politicamente importante. Seus alunos deixaram seus cursos interessados em descobrir a história das classes oprimidas (...).

No campo pedagógico, Walter Rodney também esteve preocupado com a teoria do conhecimento, principalmente no que dizia respeito ao ensino de história nas escolas. Nesse sentido, o historiador concordava com as ideias de Marcus Garvey (2004) sobre a qualidade dos manuais, como os livros didáticos de história, que ignoravam as experiências tecnológicas, sociais e culturais das civilizações do Vale do Nilo, tais como as da Núbia e do Kemet (antigo Egito)²³, e ofereciam relatos falsos sobre canibalismo, tribalismo e selvageria em África. Walter Rodney (1990) também criticou a dificuldade de encontrar manuais de história em que os kemetianos - antigos egípcios - não estivessem representados como brancos, árabes ou asiáticos.

Na concepção de Walter Rodney, a desmistificação pedagógica das ideologias racistas difundidas pela educação colonial possibilitaria uma revisão sobre a origem e o desenvolvimento da religião, da literatura, das artes e das ciências no continente africano, além de uma redefinição da história da África como centro para a execução de transformações estruturais em sociedades do continente africano e de sua diáspora (RODNEY, 1990). O historiador conseguiu, assim, equilibrar o conhecimento histórico e historiográfico e a cultura vivida tanto por comunidades quanto por movimentos sociais Negros. A relação de Walter Rodney com o Movimento Rastafari foi um retrato fiel desse equilíbrio.

²³ Kemet (escreve-se Kmt e pronuncia-se Quemet) foi uma das denominações originais utilizados pelas populações do Vale do Nilo para identificar o antigo Egito durante a antiguidade histórica africana. O significado de Kemet é terra ou nação do povo Negro.

Rastafari – comunidade em movimento

A origem secular do movimento Rastafari nos remete ao final da década de 1920, ao ambiente das comunidades rurais jamaicanas - marrons²⁴ - e dos militantes da Associação Universal para o Desenvolvimento do Negro e Liga das Comunidades Africanas (UNIA-ACL), entidade política fundada em 1914, na Jamaica, por Marcus Garvey. Durante a década de 1920, militantes políticos e pregadores espirituais, como Marcus Garvey e Fitz Balintine Pettersburg, defenderam que, na emergência do porvir africano, um imperador etíope ter-se-ia erguido com a missão de restaurar a soberania africana, abalada por milênios e séculos de dominação estrangeira. Tal soberania africana foi denominada de Supremacia Negra²⁵.

A antevisão pregada nos anos de 1920 se confirmou em novembro de 1930 com a coroação imperial etíope de Tafari Makonen e sua esposa Menen Woizero Asfaw. A partir dessa coroação, Tafari Makonen recebeu, entre outros títulos, o de Ras (Príncipe), Negus (Rei), Negusa Negast (Rei dos Reis) e de Haile Selassie I (Poder da Trindade)²⁶. A organização em torno da Etiópia da década de 1930 reanimou o Etiopianismo, denominação do século XIX para movimentos sociais africanos anticoloniais, que consideravam a Etiópia como referência máxima de soberania africana e um catalisador histórico milenar de todos os povos Negros no mundo.

A identidade dos povos Negros do mundo com a Etiópia se deu por uma série de motivos, dentre os quais as elogiosas menções de escritores da antiguidade histórica mundial; os lugares e os personagens bíblicos como Kush e Enoque; a vitória etíope contra a invasão imperialista italiana em 1896, conhecida como a Batalha de Adowa; as grandes mulheres chefes de Estado, como Taitu e Zauditu; o apoio do governo etíope de Haile Selassie I ao retorno de Negros das Américas para a Etiópia; e a segunda derrota

²⁴ Marrons são comunidades Negras rurais antiescravistas similares aos quilombos no Brasil.

²⁵ A ideia de Supremacia Negra foi empregada por Fitz Balentine, Marcus Garvey e Leonard P. Howell como a supremacia dos povos Negros em relação a seus inimigos e não a outros povos. Observamos que essa supremacia defendida no início do século XX pode ser interpretada como um sinônimo para Soberania Africana.

²⁶ Ras é um termo/título em Amharic, língua oficial da Etiópia, para designar o novo chefe de Estado e ordenador do território, Tafari Makonen, em ocasião da sua coroação, em 1930.

italiana para Etiópia, em 1941, após cinco anos de ocupação colonial no território etíope.

Nesse meio tempo, Haile Selassie I determinou a criação da Ethiopian World Federation²⁷, uma entidade responsável pela organização e mediação do retorno de africanos na diáspora que estivessem disponíveis para a Etiópia, a fim de colaborar com a resistência e o desenvolvimento do império. Do Brasil a Inglaterra, passando por Estados Unidos e Jamaica, grupos de militantes políticos Negros se disponibilizaram para servir nos campos de guerra à causa africana na Etiópia. Consideramos, por esses e outros motivos, que o período de 1880-1940 foi o mais marcante para a historiografia do pan-africanismo e do etiopianismo.

Na Jamaica, para os que se identificavam com as pregações sobre a eminência etíope, Tafari Makonen passou a representar o centro místico-espiritual de um novo movimento. Toda essa simbologia sobre resistência africana envolvendo cristianismo africano, anticolonialismo, etiopianismo, nacionalismo africano e a própria mística cultural etíope encontrou aderência nas igrejas protestantes, entre militantes políticos e agricultores na Jamaica.

Logo após a coroação e a sequência de fatos envolvendo Haile Selassie I e a defesa da soberania etíope, Leonard P. Howell, um ex-colaborador de Marcus Garvey, iniciou o projeto de fundação de uma comunidade para todos aqueles dispostos a seguir as orientações de Haile Selassie I e construir uma soberania africana. Leonard P. Howell foi um dos fundadores da primeira comunidade Rastafari (Pinnacle), em St. Catherine, Jamaica. O Rastafari passou a ser considerado pelos agentes fundadores do movimento, entre os quais Joseph Nathaniel Hibbert e Brother Man, como o poder divino encarnado e o redentor dos povos Negros no mundo, sendo

²⁷ Ethiopian World Federation (EWF), ou Federação Mundial da Etiópia, é uma entidade política criada em 1937 nos Estados Unidos da América sob autorização de Haile Selassie I e administração do Dr. Melaku Bayen. O propósito da EWF inicial era duplo: organizar um contingente de Negros disposto a lutar contra a invasão colonialista italiana no território etíope e administrar os processos estratégicos de repatriação de Negros nascidos no Caribe e nos Estados Unidos, a fim de que estes tivessem uma melhor qualidade de vida e pudessem colaborar com o desenvolvimento material da Etiópia. Ao longo da segunda metade do século XX, o Movimento Rastafari tornou-se mais próximo da entidade e o ângulo de repatriação foi ampliado para todos os povos Negros do mundo.

os homens e mulheres Rastas os adoradores e seguidores desse poder, personificado em Haile Selassie I.

A política foi outro centro de força dentro do movimento Rastafari. Os exemplos da Etiópia como um Estado soberano em África²⁸ e de Haile Selassie I como defensor da unidade federal do continente africano tornaram o movimento Rastafari um dos referenciais do pan-africanismo e, por isso, nessas condições, o movimento assumiu uma identidade e postura pan-africana, além do compromisso de combater o racismo.

O contexto cultural jamaicano em que o movimento Rastafari começou a ser organizado foi o da Kumina²⁹, uma celebração espiritual aos ancestrais originada entre os Bakongo - povo africano dentro do grande grupo de falantes de línguas Bantu - e utilizada como resistência cultural e como forma de preservação da memória africana na Jamaica. A Kumina é formada basicamente por instrumentos de percussão (tambores), cânticos, danças e pela utilização de plantas medicinais para cura, ocorrendo em um ambiente agregador e predominantemente comunitário.

A Kalunga é a concepção cosmológica da Kumina, orientada pela existência de duas dimensões, ou mundos: um onde habitam os vivos e outro onde habitam os espíritos, ambos separados por um grande rio, em que tudo é resguardado sob a regência de uma força suprema e onipotente denominada Nzambi Mpungu. De acordo com pesquisas realizadas por Robert Hill (2001), antes do Movimento Rastafari propriamente dito, as comunidades de Kumina se referiam a Haile Selassie I como Nzambi Mpungu. Todas essas conexões confirmam a ideia defendida por Ras E.S.P. Mc Pherson (2009) de que a historiografia Rastafari é, por exigência e necessidade, pan-africanista.

²⁸ Desde 1896 a Etiópia enfrentou de forma triunfante as investidas coloniais imperialistas da Europa. Esta, representada pelo governo fascista italiano na década de 1930, voltou a investir na dominação do território etíope, mas foi novamente derrotada após cerca de cinco anos de ocupação colonial (1936-1941).

²⁹ Para estudos mais aprofundados sobre as relações entre Kumina e Rastafari, recomendamos o livro de Ras E.S.P. Mc Pherson, e a coletânea *Leonard Percival Howell & The Genesis of Rastafari*, publicado em 2015 pela University of the West Indian Press, ambos incluídos na lista de referências.

A Kumina está na gênese do movimento Rastafari, pois os seus elementos serviram como plataforma para as primeiras expressões culturais comunitárias do movimento. Na perspectiva do pesquisador Ras E.S.P. Mc Pherson (2009), a Kumina foi Rastaologizada pelos primeiros adeptos formais do Movimento Rastafari, ou seja, os primeiros Rastas na Jamaica conectaram a Kumina com leituras africanas da bíblia, com a representação soberana de Haile Selassie I e com posicionamentos políticos francamente pan-africanistas e em ebulição no mundo africano naquele momento. Na nossa perspectiva, a ascensão do movimento Rastafari, a partir de uma experiência comunitária, foi tão poderosa que acabou superando o etíopianismo.

Em recesso acadêmico na Jamaica no ano de 1968, Walter Rodney se inseriu em comunidades Rastafari³⁰ para vivenciar experiências de organização comunal entre os adeptos do movimento. Uma das formas pela qual o historiador (1990) percebeu a força e a expressão político-cultural do movimento Rastafari foi o Nyabinghi³¹, a ritualística cerimonial Rastafari, composta por mensagens sobre questões sociais que afligiam a população jamaicana - como racismo, desemprego, miséria -, história, identidade e espiritualidade africanas simultaneamente. Os tambores, os cânticos, as danças e uso de plantas medicinais são exemplos de expressões típicas da Kumina que serviram de base para a cerimônia Nyabinghi.

Na visão de Walter Rodney, o Movimento Rastafari na década de 1960 foi uma potencial ferramenta de libertação mental dos Negros no Caribe (CAMPBELL, 2001). O historiador constatou a importância do movimento ao observar o seu posicionamento estratégico de combate ao neocolonialismo através da formação de comunidades auto-suficientes, compostas por escolas auto-sustentáveis, pela utilização da medicina

³⁰ De acordo com o estudioso Ras E.S. P Mc Pherson (2008), em *Representando Rastafari para o século 21*, Walter Rodney passou cerca de dez meses com comunidades Rastafari na Jamaica.

³¹ Culto tradicional africano e movimento anticolonial de Uganda regido por mulheres guerreiras que, entre 1850 e 1950, firmaram resistência ao colonialismo alemão e britânico. Nyabinghi ou Nyabingi refere-se a uma ancestral que foi estadista em Ruanda, evocada e manifestada espiritualmente nas líderes do movimento em Uganda. Uma das mais proeminentes dirigentes em Uganda foi Muhumusa, cujo destaque se deu no início do século XX, durante a emergência e a ampliação do movimento na região de Kigezi (Uganda). Na Jamaica, o *Nyabinghi* tornou-se um ritual místico do Movimento Rastafari e máxima de “morte aos opressores brancos” (CAMPBELL, 2001; HOPKINS, 1970).

tradicional, pelo agenciamento de uma economia local e pela quebra de barreiras culturais entre indianos e africanos no Caribe (RODNEY, 1990).

Os adeptos do movimento Rastafari possuem seus próprios signos para expressarem sua cosmovisão, tais como a maneira de viver, a força vital (*Livity*), a alimentação (*Ital*) e toda uma gama de vocabulário (*Dread Talk*). Walter Rodney integrou esses aspectos do *Livity* Rastafari ao ensino de história no decorrer do período em que esteve na Jamaica como professor temporário, mas essa integração acabou gerando polêmicas, uma vez que a cosmovisão e o vocabulário Rastafari ultrapassavam o tradicional conservadorismo acadêmico do país.

Segundo Horace Campbell (2001), o contato com a cultura Rastafari na Jamaica reforçou a posição de Walter Rodney contrária à tradição acadêmica de intelectuais trancados em bibliotecas e limitados pelas tarefas definidas por departamentos de faculdades. No ano de 1969, Walter Rodney publicou suas reflexões sobre o movimento Rastafari e outras expressões culturais africanas na diáspora no livro *The Grounding With my Brothers*, uma compilação de artigos. No livro, o historiador dedicou um ensaio especial à história da Etiópia, referência central para o Movimento Rastafari, e outro ensaio ao movimento Rastafari, além de observar a trajetória de Haile Selassie I no quadro de uma liderança política exemplar, que realmente investiu no progresso africano.

Abertura de um cerco político

Após a II Guerra Mundial (1945), África, Ásia e Américas do Centro e do Sul serviram como bases geopolíticas para as disputas polarizadas entre dois grandes blocos imperialistas: um capitalista e neoliberal, comandado pelos Estados Unidos, e outro socialista totalitário, inspirado no modelo comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Esse contexto formou a geopolítica da Guerra Indireta, ou Guerra Fria, em que as Américas do Centro e do Sul se converteram em uma zona geoestratégica para as disputas entre esses grandes blocos. O governo dos Estados

Unidos coordenou uma série de golpes de Estado na região das Américas Central e do Sul para assegurar um canal de influência e poder.

O Brasil foi uma referência da influência capitalista e neoliberal norte-americana nesse período. No ano de 1964, o país enfrentou um violento Golpe Militar, que instalou um governo ditatorial racista que esteve em vigor durante mais de duas décadas. Em um sentido geral, o clima político-social no país era de total vigilância e de policiamento das vozes discordantes do imperialismo capitalista internacional. A tensão, a censura e o patrulhamento político-ideológico estavam em todo lugar e, na perspectiva de Eusi Kawayana (2001), o final da década de 1960 foi um período de muita insegurança física para Walter Rodney, sua esposa e filhos.

Durante conferência proferida no Canadá, em outubro de 1968, no Congresso de Escritores Negros, Walter Rodney teceu inúmeras críticas ao neocolonialismo global articulado pelos Estados Unidos e por países europeus e, ao mesmo tempo, condenou a subserviência cúmplice das elites burguesas de países africanos e do Caribe ao sistema capitalista internacional. As declarações do militante foram mal recebidas pela imprensa, políticos, empresários e acadêmicos influentes do Caribe, que passaram a considerar Walter Rodney uma ameaça subversiva (CHEVANES, 1998).

Ao retornar do congresso para a Jamaica, Walter Rodney foi informado no aeroporto de Kingstown, capital da Jamaica, que a sua entrada no país estava proibida, o que se tratava de uma punição política, ordenada pelo ministro jamaicano Hugh Shearer. Em meio a toda essa turbulência, Walter Rodney resolveu se separar da sua família - esposa e filhos -, a fim de assegurar a integridade dela, pois havia uma ameaça crescente de represálias violentas ao seu trabalho e, portanto, toda a família Rodney corria risco de morte. Em resposta ao impedimento sofrido pelo historiador, estudantes, professores e sindicatos organizaram ondas de protestos políticos que ficaram conhecidas como *Rodney Riots*, manifestações populares brutalmente reprimidas pela polícia jamaicana.

A dimensão da exploração africana

Em sua dissertação intitulada *A History of the Upper Guinea Coast, 1545-1800* (1970), Walter Rodney analisou os impactos sócio-culturais diretos e indiretos do sistema econômico colonial racista instalado na Costa da Guiné, que dificultava o acesso das massas populacionais aos meios de trabalho e à qualidade de vida. Em Dar-es-Salaam, o historiador inaugurou uma disciplina sobre a diáspora africana, em uma fase em que Walter Rodney dedicou especial foco às teorias sobre pan-africanismo e ao socialismo em África, interpretando criticamente a formação e a postura das pequenas elites burguesas africanas.

Desde o final da década de 1960, Walter Rodney aumentou o volume da produção de artigos e projetos de livros, dentre os quais a sua obra de maior impacto, *How Europe Underdeveloped Africa (Como a Europa Subdesenvolveu a África)*, escrito na Tanzânia e publicado em 1972. O livro se tornou um clássico da historiografia sobre as relações de dependência, de controle dos bens de produção e de mão-de-obra africanos por europeus entre o século XV e XIX. O historiador identificou e analisou as consequências do colonialismo para os setores econômico, cultural, tecnológico e educacional dos países atingidos.

Como a Europa Subdesenvolveu a África é uma revisão crítica do subdesenvolvimento em África. Walter Rodney inicia a sua abordagem apresentando a ideia de desenvolvimento como capacidade para um crescimento nacional auto-suficiente, em que a economia pode registrar avanços que promovam o progresso social, mas sem ser a única capaz de registrar avanços. Na perspectiva do historiador, o colonialismo foi um sistema criado para subdesenvolver o continente africano, e esse subdesenvolvimento possuía dois aspectos centrais: o bloqueio das possibilidades de desenvolvimento interno em função do aproveitamento externo dos recursos do continente e a operação em África de um sistema internacional capitalista de exploração (RODNEY, 1975).

Walter Rodney não se esquivou de criticar as elites africanas forjadas durante o período colonial do século XIX, observando que estas obtiveram

prestígio e apoio de potências coloniais como França, Portugal e Inglaterra. Tendo o intelectual Frantz Fanon como referência, o historiador entendia que as elites burguesas africanas tinham responsabilidades na manutenção do colonialismo/neocolonialismo no continente e que elas deveriam ser seriamente observadas no campo dos estudos sobre o subdesenvolvimento em África.

Na perspectiva de Walter Rodney, era necessário não apenas pensar nas soluções para o subdesenvolvimento em África, mas sobretudo compreender e destruir os esquemas europeus de drenagem e neutralização dos recursos endógenos de desenvolvimento do continente africano, inclusive os recursos humanos. Por isso, Walter Rodney (1975) propôs um método de investigação para o estudo histórico do subdesenvolvimento em África, capaz de identificar as causas, os efeitos, as resistências e as forças de destruição do sistema de subdesenvolvimento africano. No próximo tópico, abordamos questões referentes ao método avançado por Walter Rodney para a composição de *Como a Europa Subdesenvolveu a África*.

Método de investigação e impactos sociais do tráfico de africanos escravizados

No capítulo “A Europa e as raízes do subdesenvolvimento africano”, o historiador explorou quatro teses. A primeira envolvia os impactos socioeconômicos do processo de escravização de africanos, constituído por guerra, captura, comércio e tráfico de pessoas e de produtos, elementos formadores da estrutura básica do subdesenvolvimento africano. Na segunda tese, Walter Rodney relacionou o tráfico de pessoas com a estagnação e a distorção tecnológica na economia africana precedente à colonização. Para a terceira tese, o escritor apresentou um conjunto de aspectos sobre o desenvolvimento político-militar e o fraco desempenho econômico-tecnológico de Estados africanos como Oyo, Daomé e Rwanda entre 1500-1885. Coube à quarta tese a análise dos elementos específicos do colonialismo imperialista do século XIX, tanto em relação à resistência

africana quanto ao racismo “penetrante e viciado” europeu (RODNEY, 1975, p.143).

No que diz respeito à primeira e à segunda teses, o historiador pontuou que, a partir do século XVI, o tráfico europeu de africanos escravizados se deslocou do nível regional em zonas portuárias da África Ocidental - atuais Senegal e Angola - para um nível continental. A causa principal dos deslocamentos é atribuída às guerras produzidas para a captura de escravizados, que envolveram inúmeras sociedades do interior do continente, alcançando regiões da África Oriental e Central, referentes a Tanzânia, Moçambique, Malawi, Norte da Zâmbia, República Democrática do Congo e Congo Brazzaville.

A violência social do tráfico de pessoas reduziu o crescimento demográfico africano em dezenas de milhões. Entre os anos de 1650 e 1900, África registrou uma profunda estagnação demográfica se comparada à Europa e à Ásia no mesmo período. Em uma proporção de dois homens para cada mulher, a maior parte da população atingida pelos sequestros, deslocamentos forçados - terrestres e marítimos em navios tumbeiros - foi a jovem, em uma faixa de 15 e 35 anos de idade, e dessa população aproximadamente um percentual de 15 a 20% sobreviveu à travessia atlântica (RODNEY, 1975). Walter Rodney sublinhou que o extermínio da juventude esteve atrelado à inviabilização das capacidades criativas das sociedades africanas, com o desaparecimento de muitas escolas tradicionais, idiomas e escritas africanas entre os séculos XVI e XVIII.

Somadas às milhares de vidas ceifadas pelo tráfico, a economia africana foi, por um lado, estruturalmente subdesenvolvida pela falta de mão-de-obra para o trabalho rural, assim como pela destruição e abandono de terras cultiváveis. Por outro lado, o estímulo à guerra e ao comércio de seres humanos paulatinamente substituiu as tradições de mineração, de tecelagem e as técnicas de manipulação do ferro, como nos casos da Costa do Ouro, atual Gana, e do Daomé, atual Benin, no século XVIII. O Daomé, por exemplo, expandiu-se política e militarmente, mas esfacelou-se perante a falta de bases econômicas e tecnológicas.

Walter Rodney abordou outra consequência do tráfico de africanos escravizados: a estagnação e a distorção tecnológica da economia. A

tecnologia europeia no século XV não era superior a de outras partes do mundo, como a indústria têxtil dos Ashanti (Costa do Ouro, atual Gana), as técnicas de manipulação do ferro no Reino do Kongo e da madeira em Madagascar, ou, ainda, a medicina e a agricultura entre os Yorubá da Nigéria.

Os europeus investiram no monopólio de matérias-primas como o algodão em rama, que passou a ser controlado por Portugal através dos rios Senegal e Gâmbia. Posteriormente, o interesse imperialista se baseou na aquisição de técnicas africanas de fiação e manufatura do algodão, assim como no monopólio de mercados e, conseqüentemente, no impedimento da integração entre as economias locais, criando, assim, entidades econômicas diretamente ligadas à Europa e dispersas entre si (RODNEY, 1975).

As tentativas africanas de extinção do tráfico de seres humanos em prol do desenvolvimento tecnológico foram frustradas com o rígido controle europeu das informações de ordem técnica, naval e bélica. Foi por isso que chefes de Estados africanos como Calabar (Nigéria Ocidental) e Abadoza (Daomé) foram combatidos e sabotados em seus projetos de refinaria de açúcar e fabricação de armas. Assim, o nível de relação comercial entre África e Europa, de uma maneira geral, baseou-se no fornecimento de produtos africanos - pessoas escravizadas, óleo de palma, marfim, entre outros - e na distribuição de produtos europeus de baixa qualidade e prejudiciais a saúde, tais como utensílios domésticos danificados e álcool (RODNEY, 1975).

Crítica historiográfica

Em sua época, Walter Rodney criticou historiadores europeus por tentarem eximir a Europa das responsabilidades pelo holocausto africano³², prática recorrente da historiografia eurocêntrica a fim de identificar chefes e comerciantes africanos como beneficiários autônomos do sistema escravista. O historiador demonstrou que africanos não obtiveram benefícios

³² Referente a todo o período do tráfico escravista entre os séculos XV e XIX.

com o sistema escravista, uma vez que a escravatura em África foi condicionada e desencadeada por fatores externos e que o “poder” dos chefes africanos cooptados pelo sistema escravista internacional estava restrito a negociações de mercadorias, pois, para além disso, eram desprovidos de poderio bélico suficiente e poderiam ser engolidos pelo sistema escravista a qualquer momento.³³

A posição de Walter Rodney era de que o tráfico europeu de africanos escravizados desencadeou, entre os séculos XVI e XIX, o fator básico para o subdesenvolvimento de todo o continente africano. O historiador citou o caso dos Bemba, na Zâmbia do século XVII, onde a desarticulação da tríade matriarcado-comunidade-agricultura, através de guerras para a captura de seres humanos, incapacitou o desenvolvimento endógeno e a auto-suficiência em toda a sociedade, inclusive dos chefes e comerciantes africanos (RODNEY, 1975).

Os historiadores europeus se utilizaram de uma historiografia eurocêntrica para produzir manuais, distorcer os impactos do sistema escravista e difundir mitos racistas sobre os povos africanos. Nas palavras de Walter Rodney (1975, p. 146), seria preferível:

(...) ignorar esse lixo e afastar os nossos jovens desses insultos, mas, infelizmente, um dos aspectos do atual subdesenvolvimento africano é o fato de os editores capitalistas e os acadêmicos burgueses dominarem a cena cultural e assim ajudarem a moldar as opiniões do mundo inteiro. É precisamente por isso que, escritos desse calibre, que justificam o tráfico de escravos, devem ser denunciados como propaganda racista burguesa absolutamente afastados da realidade (...) interpretações erradas das causas do subdesenvolvimento são provocadas pelo preconceito de pensar e pelo erro de crer que se poderão descobrir as razões do subdesenvolvimento dentro da economia subdesenvolvida. Só se conseguirá uma explicação verdadeira se analisarem as relações entre África e certos países desenvolvidos e se reconhecerem nelas relações de exploração.

³³ A fragilidade, ou falsidade, dos laços de amizade entre comerciantes europeus e chefes africanos fica muito nítida nas primeiras décadas de penetração de Portugal no Reino do Kongo a partir de 1482. Recomendamos, para um estudo objetivo sobre o assunto, *O Renascimento da Personalidade Africana* (2014), escrito por Moisés Kamabaya.

Fechamento de um cerco político

Transitando entre Jamaica e Tanzânia, no ano de 1974, Walter Rodney encerrou suas atividades em Dar-es-Salaam e o seu livro *West Africa and Atlantic Slave Trade* foi traduzido para o Kiswahili pela Foundation Publisher de Nairobi (Quênia). O historiador retornou a Guiana como professor convidado, com a finalidade de lecionar na cadeira de Revoluções Comparadas e candidatar-se à chefia do Departamento de História.

Entretanto, as suas mensagens críticas à corrupção e à opressão imperialista em África e no Caribe não o poupariam de ser um desagrado para as autoridades administrativas da Guiana, que o impediram de lecionar no país por intermédio do ministro Hamilton Green. Independente das restrições profissionais e financeiras, Walter Rodney persistiu na sua militância política e criou no país o movimento social Working People Alliance (W.P.A.). Naquele mesmo ano, a universidade de Dar-es-Salaam foi sede do Sexto Congresso Pan-Africano, que teve a participação do dramaturgo e militante pan-africanista Abdias Nascimento (Brasil).

Em 1976, Walter Rodney divulgou o “Angola Question”, artigo em que abordou os desafios de Angola frente à influência dos Estados Unidos e do governo do Apartheid na África do Sul. Nesse período, o historiador integrou o grupo de especialistas responsáveis pela confecção da *História Geral da África*, patrocinada pela UNESCO e que teve entre os diretores o historiador Joseph Ki-Zerbo. A obra foi dividida em oito volumes e contou com mais de 350 pesquisadores, dentre os quais Cheikh Anta Diop (Senegal), Amadou Hampate Bá (Mali) e Théophile Obenga (Congo Brazzaville), Gamal Mokhtar (Egito), Akilu Habte (Etiópia), Alexis Kagame (Ruanda), A. Mazrui (Quênia) e S.K.B. Asante (Gana).

No final da década de 1970, Walter Rodney publicou *Guyanense Sugar Plantations in the Late Nineteenth Century* e *A History of the Guyanense Working People 1881-1905*, sendo muito aclamado pela crítica internacional. Nesse período, o historiador iniciou dois novos projetos: a confecção de livros para estimular a identidade africana e a identidade

indiana na infância através da história³⁴ e a escrita da história sobre os trabalhadores na Guiana, sendo este um de seus últimos trabalhos.

Walter Rodney atingiu *status* político e reconhecimento acadêmico internacionais, passando a ser respeitado como uma força intelectual disponível para servir às causas sociais defendidas por estudantes, sindicatos, comunidades, movimentos e entidades políticas Negras. Ao mesmo tempo, a pressão política sobre Walter Rodney e o W.P.A. permaneceu implacável. O projeto político do W.P.A. era popular, pois envolvia as massas e vislumbrava a constituição de uma Guiana progressista por intermédio de eleições governamentais.

O programa do partido foi de base socialista, e o próprio Walter Rodney foi cogitado como possível candidato a Primeiro-ministro. A movimentação do W.P.A. era bem aceita pelas massas, mas muito mal recebida pelo governo neoliberal do país, comandado pelo então Primeiro-ministro Linden Forbes Burnham, que não poupou planos para interditar a oposição do W.P.A., de Walter Rodney.

No ano de 1979, o historiador e mais sete militantes do W.P.A. foram detidos³⁵, sob a acusação de incêndio criminoso em um dos escritórios do governo, mas por falta de provas e muita pressão social os acusados foram todos liberados. A ascensão do W.P.A. tornou-se uma ameaça perigosa para o governo Burnham que, aliado ao patrulhamento ideológico e ao interesse geopolítico dos EUA, começou a articular com a C.I.A. uma forma definitiva para frustrar todas as intenções do W.P.A. através do silenciamento de Walter Rodney, o principal articulador do movimento.

No dia 13 de junho de 1980, Walter Rodney e seu irmão, Donald Rodney, trafegavam de carro pela avenida principal de George Town, capital da Guiana e, durante o trajeto, próximo ao presídio central, houve uma grande explosão no interior do veículo, que matou instantaneamente Walter Rodney e feriu gravemente seu irmão. O sobrevivente, Donald Rodney, identificou Gregory Smith como suspeito pelo ataque terrorista, um agente (sargento) da Guiana Defense Force (Força de Defesa da Guiana) e

³⁴ O livro *Kofi Baadu out of Africa* foi feito com esse intuito.

³⁵ Os militantes políticos presos com Walter Rodney foram Bonita Harris, Kwame Apata, Maurice Odle, Omawale, Rupert Roopnaraine, Karen de Souza e Davo Nadall.

especialista em eletrônica. Donald Rodney testemunhou que, antes do atentado, o suspeito entregou a Walter Rodney um *Walkie Talkie* sob a justificativa de fazer um teste. De acordo com a perícia, o aparelho possuía um dispositivo que ativou a bomba.

A participação de um agente da Guiana Defense Force no assassinato de Walter Rodney interligava o Governo Burnham ao crime. Os advogados do governo e a imprensa tentaram confrontar a versão de Donald Rodney, alegando que Walter Rodney pretendia cometer um atentado terrorista no presídio e, por acidente, acionou o dispositivo que fez o artefato explodir. Assim, percebendo a mobilização social por justiça, Gregory Smith recebeu apoio da polícia de fronteira da Guiana para sair ilegalmente do país e se refugiar na Guiana Francesa, onde mudou de identidade, passando a adotar o nome de Cyril Johnson. O desaparecimento do principal suspeito pelo assassinato de Walter Rodney dificultou uma investigação mais apurada sobre o caso.



Figura 3 – O carro de Walter Rodney após o ataque terrorista
Fonte: mirrornewsgy.com³⁶

³⁶ Imagem disponível no seguinte link: <[http:// www.mirrornewsgy.com/mirrornewsgy](http://www.mirrornewsgy.com/mirrornewsgy) . Acesso em 05 de dez. de 2015.

A ausência de Gregory Smith beneficiou todos os possíveis envolvidos no crime, uma vez que nenhum acusado governamental ou internacional foi punido, cabendo à família Rodney entrar em uma grande jornada por justiça à memória de Walter Rodney. No ano de 2006, Patrícia Rodney, viúva de Walter Rodney, criou a Fundação Walter Rodney, objetivando contribuir para uma sociedade mais justa, promovendo e facilitando a alfabetização, a educação, a saúde, o desenvolvimento, o civismo e capacitando lideranças. Sob os auspícios da família Rodney, ocorre, periodicamente, em Atlanta (EUA), um simpósio anual para discussões sobre temas contemporâneos a partir das contribuições de Walter Rodney. A Fundação Walter Rodney também é uma ferramenta jurídica na luta por mais apurações investigativas sobre o assassinato de Walter Rodney.

Terceira Parte : Walter Rodney e bibliografia no Brasil



Figura 4 – Dra. Lélia Gonzales , filósofa, historiadora e militante do Movimento Negro (Brasil)

Fonte: acervo.racismoambiental.net.br³⁷

³⁷ Imagem disponível no seguinte link: <https://acervo.racismoambiental.net.br> dez. de 2015. Acesso em 05 de dez. de 2015.

A *História Geral da África* foi parcialmente publicada no Brasil pela Editora Ática, em 1982, sendo um documento único em um país praticamente sem referências e pesquisas confiáveis sobre história e historiografia africanas. No Volume VII da *História Geral da África (África sob dominação colonial 1980-1935)*, coordenado por Albert Adu Boahen (Gana), Walter Rodney assinou o décimo quarto capítulo, intitulado “Economia Colonial”, no qual desenvolveu aspectos gerais do subdesenvolvimento econômico em África entre 1890 e 1910.

O Movimento Negro no Brasil organizou, em 1984, uma Sessão Solene na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro em homenagem póstuma a Luiz Gama³⁸ e, em vida, a Abdias Nascimento. Durante a sessão, a historiadora, filósofa e militante do Movimento Negro, Lélia Gonzales, fez referência a Walter Rodney como um grande escritor, capaz de analisar criticamente a ditadura militar instaurada no Brasil de 1964 como fator de subdesenvolvimento dos setores mais pobres da sociedade e, portanto, das comunidades Negras (GONZALES, 1985).

Vinte anos mais tarde, o professor Nei Lopes (2004) alçou Walter Rodney à posição de epígrafe e verbete na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. No final de 2006, o historiador Henrique Cunha Jr. publicou o texto “Metodologia Afro-descendente de Pesquisa”, uma proposta epistemológica em que o trabalho de Walter Rodney é referência fundamental para o campo de estudos do Negro na diáspora africana.

Nos livros *Racismo e Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender Racismo* (2007) e *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro* (2008), o sociólogo Carlos Moore apresentou as contribuições de historiadores Cheikh Anta Diop e Walter Rodney como fundamentais para as novas gerações de estudantes e pesquisadores no Brasil. No pensamento de Carlos Moore (2007, 2008), Walter Rodney se distinguiu por fazer uma revisão aprofundada da

³⁸ Luiz Gama foi Rábula - advogado não diplomado -, escritor e fundador de um movimento jurídico abolicionista em São Paulo (Brasil) durante o final do século XIX. O trabalho de Luiz Gama fez parte de um projeto político amplo de libertação e poder e que alforriou centenas de homens e mulheres Negros no país.

modernidade capitalista mundial e por interpretar as alterações nas organizações sociais africanas provocadas pelo comércio transatlântico.

“Racismo Anti-Negro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras” foi o artigo em que Henrique Cunha Jr. (2008) revisitou a obra de Walter Rodney como referência instrumental para uma perspectiva histórica do Negro no Brasil. No livro *África - História e Civilizações* (2010 - Tomo I, até o século XVIII), o historiador congolês Elikia Mbokolo sublinhou a importância da análise histórico-econômica de Walter Rodney, que conseguiu interligar a visão radical de historiadores Negros sobre o contexto real de estagnação tecnológica e a distorção econômica em África. E. M'Bokolo salienta que Walter Rodney teve o mérito de não incorrer no erro de demonizar os europeus e vitimizar os africanos, preferindo avaliar a orientação externa das forças produtivas e renovar análises sobre as relações entre islã e sociedades tradicionais africanas (M'BOKOLO, 2010).

No ano de 2017, a professora Débora Pamplona publicou o livro *História do Movimento Rastafari - da Jamaica para o Mundo*, abordando grande parte da história secular do movimento ao longo do século XX. A autora consultou os pensamentos de Walter Rodney em *The grounding with my broters* para ilustrar aspectos da opressão política, econômica e cultural contra as populações Negras no Caribe e a importância histórica-social do movimento Rastafari. Débora Pamplona dialogou com Horace Campbell (2001) para construir um breve tópico dedicado a dados biográficos de Walter Rodney e apresentar a tridimensionalidade existente na relação de Walter Rodney com o movimento Rastafari, pois o historiador conferiu notoriedade respeitosa ao movimento, assim como foi influenciado e o influenciou.

Considerações finais

Procuramos, neste artigo, expor alguns tópicos introdutórios sobre a vida e a obra de Walter Rodney. A síntese da historiografia rodneyiriana propõe que a história africana é uma arma a serviço de uma revolução Negra

e da descolonização econômica do continente africano (RODNEY, 1990, 1975). Na nossa compreensão, *Como a Europa Subdesenvolveu a África* é um projeto historiográfico de reconstituição analítica da história africana anterior ao sistema escravista e de crítica ao colonialismo/neocolonialismo, um sistema internacional de subdesenvolvimento do continente africano.

Há, em *Como a Europa Subdesenvolveu a África*, uma mensagem comedida de apoio à unidade federal africana como fator de reversão do subdesenvolvimento em África (RODNEY, 1975). Esse aspecto atualiza o livro, uma vez que o sistema de subdesenvolvimento neocolonial está em pleno vigor no continente africano. Um outro aspecto que atualiza essa obra é a linguagem jovem e didática de Walter Rodney, repleta de indignação, motivação e esperança na reorganização popular do continente africano, sob o ângulo de uma grande revolução cultural.

Mais de três décadas após o assassinato de Walter Rodney, os seus únicos trabalhos traduzidos para a língua portuguesa foram o livro *Como a Europa Subdesenvolveu a África*, pela Editora Seara Nova, de Portugal, e o artigo “Economia Colonial”, em *História Geral da África*. Essa realidade é muito significativa no que se refere às opções educacionais e ideológicas de academias e editoras no Brasil.

No campo historiográfico, é importante que os historiadores estejam atentos às dimensões secular e milenar do movimento pan-africanista, pois há uma tentativa de limitação do pan-africanismo à diáspora africana, desprovido de um projeto político centrado na unidade federal do continente africano.

O pensamento eurocêntrico da historiografia no Brasil localiza os trabalhos de Kwame N’Krumah e de Walter Rodney, por exemplo, na periferia do pensamento marxista europeu, sendo a partir desse lugar que ambos passam a ter alguma utilidade em citações de artigos acadêmicos direcionados ao mercado editorial “afro”, gerado pela Lei Federal 10.639/03. Há, no país, uma ideia racista de que os pensadores do mundo africano que dialogaram com o marxismo entre as décadas de 1950 e 1970 o fizeram pela incapacidade inerente aos Negros de construir uma teorização revolucionária própria. Partindo desse pressuposto deturpado, para a mentalidade eurocêntrica no Brasil, Frantz Fanon e Amílcar Cabral

trabalharam com termos marxistas e estão qualificados para fazer parte dos currículos acadêmicos, enquanto Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga, que criticaram o pensamento e a episteme marxista, estariam desqualificados.

Walter Rodney rompeu com as amarras ortodoxas e dogmáticas do marxismo, algo similar ao que ocorreu com Charles Olapido Akinde (Nigéria)³⁹. O trabalho de Walter Rodney foi exemplar em vários aspectos: na análise crítica dos sistemas escravista e do subdesenvolvimento africano; no compromisso político com sindicatos de trabalhadores; na formação teórica de estudantes; no envolvimento direto com as dinâmicas socioculturais interafricanas e diaspóricas; no futuro político da Guiana; na investigação arquivística; e na escrita da história.

Walter Rodney assumiu o compromisso de fazer suas obras circularem de forma mais ampla possível. O historiador fazia questão de acompanhar pessoalmente o processo gráfico de impressão de seus livros, para que estes fossem acessíveis às massas trabalhadoras e estudantis. Talvez uma das interpretações mais significativas sobre a jornada meteórica de Walter Rodney tenha sido feita por Horace Campbell (2001), que o definiu como uma continuação das tradições de Marcus Garvey e dos marrons.

³⁹ Autor do excelente *Os Princípios do Pan-africanismo* (1975), livro em que defende o engajamento popular na construção socialista da Unidade Africana. O autor também faz análises críticas ao neocolonialismo, aos burgueses e ao elitismo atribuído ao tema pan-africanismo.



Figura 5 – Momentos da vida de walter Rodney e Walter Rodney com a família
(filhos: Asha, Shaka e Kanini; esposa: Patricia Rodney)

Fonte: www.walterrodneyfoundation.com⁴¹

Horace Campbell, como consagrado sociólogo que pesquisou profundamente a cultura de resistência do Movimento Rastafari, compreendeu que Walter Rodney foi um intelectual competente o bastante para desenvolver questões como repatriação - retorno de Negros nascidos na diáspora ao continente africano - fora de ideais românticos, mas através de visões realistas, em que a África ocupa uma posição central dentro no mundo africano.

Pensamos que Walter Rodney lançou para as gerações posteriores a sua o desafio de unir, em uma mesma plataforma de trabalho, a investigação científica, a militância política e o exercício educacional. Enfrentar e superar esse desafio significa honrar o ofício do historiador e manter vivo o precioso e intransponível legado pan-africanista que Walter Rodney outorgou aos estudiosos Negros em todo o mundo.

⁴⁰ Imagem disponível no seguinte link: <<http://www.walterrodneyfoundation.org/wp-content/uploads/>>. Acesso em 13 de out. de 2015.

Alguns livros de Walter Rodney⁴²

1. *The Grounding with my brothers*. Chicago: Research Associates School Times Publications, 1996; London: Bogle Overture Publications, 1969.
2. *Guyanese Sugar Plantations in the late nineteenth century*. Georgetown, Guyana: Release Publishers, 1979.
3. *How Europe Undeveloped Africa*. Tanzania: Tanzania Publishing House, 1972.
4. *West Africa and Atlantic Slave-trade*. Nairobi, Kenia: East African Publishing House, 1967.
5. *A History of the Guyanese Working People, 1881-1905*. Baltimore, MD: The John Hopkins University Press, 1981.
6. *History of upper Guinea Coast 1545-1800*. Oxford: Clarendon Press, 1970.
7. *Kofi Baadu out of Africa* (Children's Book). George Town: SN.
8. *Lakshimi out of India* (Children's Book). The Guyanese Book Foundation
9. *Walter Rodney Speeches: The Making of an African Intellectual*. Trenton, NJ: African World Press, 1990.
10. *World War and the Tanzanian Economy*. Ithaca, N.Y: African Studies and Research Center, Cornell University, 1976.

REFERÊNCIAS

ADI, Hakim; SHERWOOD, Marika (2003). *Pan-African History - Political figures from Africa and Diaspora Since 1787*. New York: Routledge.

ASANTE, Molefi Kete (1992). *Afrocentricity and Knowledge*. New Jersey: Editorial African Studies; Nigéria: Afrografica.

AKINDE, Charles Olapido (1975). *Os princípios do Pan-africanismo*. Katrup : Editorial African Studies ; Lagos: Afrografica.

⁴² Listagem consultada em : <http://www.walterrodneyfoundation.org/biography/books-by-walter-rodney/>. Acesso em 23 de dez. de 2016.

CAMPBELL, Horace (2001). *Rasta and Resistance – From Marcus Garvey to Walter Rodney*. Trenton: Africa World Press.

CABRAL, Amílcar (1978). *Arma da Teoria*. Lisboa: Seara Nova.

CHEVANES, Barry (1998). Rastafari and exorcism of the ideology of racism and classism. In: MURREL, Nathaniel Samuel; SPENCER, William David; MC FARLAINE, Adrian Anthony (org). *The Rastafari Reader - Chanting Down Babylon*. Philadelphia: Temple University Press, p. 55-71.

CUNHA Jr., Henrique(2006). *Metodologia Afrodescendente de Pesquisa*. Mimeo.

_____(1999). História Africana na Formação de Educadores. In: *Cadernos de apoio ao Ensino*. Maringá, p. 61-77.

DIOP, Cheikh Anta (1974). *Le fondements économiques et culturels d'un état fédéral d'Afrique noire*. Paris: Présence Africaine.

GARVEY, Marcus (2004). *Selected Writings and Speeches of Marcus Garvey*. New York: Dover Publications.

GOMES, F. (Kwesi Ta Fari) (2016). Didática Pan-africana. Experiências de uma Proposta Educacional. In: OLIVEIRA, Alexandra Flávia Bezerra de; NUNES, Cícera; CUNHA Jr., Henrique; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira (Org.) *Educação e Africanidade: propostas para formação sobre a Lei Nº 10.639/03*. Curitiba: CRV, p. 49-61.

GONZALES, Lélia (1985). Depoimento em Sessão Solene. In: LARKIN, Elisa (org). *Dois Negros Libertários: Luiz Gama e Abdias do Nascimento*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, p. 41-45.

HILL, A. Robert (2001). *Dread History*. Leonard Howell and Millenarian Visions in the Early Rastafarian Religion. Jamaica: Miguel Lorne Publishers; USA: Research Associates Scholl Times Publications/Frontline Distribution Int'l Inc.

HOPKINS, Elisabeth (1970). The Nyabingi Cult of Southwestern Uganda. In: MAZRUI, Ali A. (org.). *Protest and Power in Black Africa*. New York: Oxford University Press, p. 258-336.

HUTTON, A. Clinton (2015). Leonard Howell Announcing God: The Conditions That Gave Birth to Rastafari in Jamaica. In: HUTTON, A. Clinton; BARNETT, A. Michael; DUNKLEY, D. A.; NIAAH, Jahlani A. H. (org.). *Leonard Percival Howell & The Genesis of Rastafari*. p. 9-52. Jamaica : The University of the West Indies Press .

LOPES, Nei (2004). *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro.

NKRUMAH, Kwame (1970). *Africa Must Unite*. Londres: Panaf books.

M'BOKOLO, Elikia (2009). *África Negra – História e Civilizações – Tomo I (até o século XVIII)*. Salvador: Edufba.

MOORE, Carlos (2007). *Racismo e Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições .

_____ (2008). *A África que Incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala.

MCPHERSON, Ras E.S.P. (2017). *Representando Rastafari para o Século 21*. Harlen: Ethiopian National Front.

_____ (2009). *Honoring Our Original Ancestors: a royal ethiopic salute to "The Gong"/ The Howellites - The Firts Rastafari Announcer / Rastafari Community*. Baltimore: African World Books.

OBENGA, Théophile (2013). *A Dissertação Histórica em África. Lisboa: EuroPress*.

PANPLONA, Débora (2017). *A história do Movimento Rastafari - Da Jamaica para o mundo*. Edição da Autora: Fortaleza.

RODNEY, Walter (1967). *West Africa and The Atlantic Slave-Trade*. Nairobi: E. African Publishing House.

_____ (1990). *The groundings with my brothers*. London: Bogle-L'Ouverture Publications.

_____ (1975). *Como a Europa Subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova.

_____ (2011) . A economia colonial. In: BOAHEN, Albert Adu. *História Geral da África VII. África sob dominação colonial 1880-1935*, São Paulo : Cortez ; Brasília: UNESCO, p.377- 400

KAMABAYA. Moisés (2014) . *O Renascimento da Personalidade Africana*. Luanda: Mayamba.

KAWAYANA, Eusi (2001).Walter Rodney. Disponível em <<http://www.Guyanaundersiege.com/Leaders/Rodney1.htm>.> Acesso em 24 dez. 2015.